



Despertar para a fé





## Coleção VIDA NOVA

---

- *O valor das pequenas coisas*, Roque Schneider
- *Pense positivo*, José Dias Goulart
- *Cinco minutos com Deus*, Roque Schneider
- *O que queremos dizer quando rezamos "Pai Nosso"*, José Bortolini
- *Ilumina o meu dia*, Darlei Zanon
- *Só por hoje: 365 desafios, desejos, dicas*, Canísio Mayer
- *Cinco pedras para não tropeçar*, Leomar Nascimento de Jesus
- *As quatro estações da alma em sol maior*, Mônica Guttmann
- *Despertar para a fé*, Ian Farias de Carvalho Almeida

Ian Farias de Carvalho Almeida

# Despertar para a

# Fé



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

*Diretor editorial:* Frei Darlei Zanon

*Coordenação editorial:* Pedro Luiz Amorim Pereira

*Gerente de design:* Danilo Alves Lima

*Coordenação de revisão:* Tiago José Risi Leme

*Preparação:* Cícera Gabriela Sousa Martins

*Capa e diagramação:* Gustavo Gomes

*Editoração, Impressão e acabamento:* PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Almeida, Ian Farias de.

Despertar para a fé / Ian Farias de Carvalho Almeida. - São Paulo : Paulus, 2023.

il., color. (Coleção Vida Nova)

ISBN 978-65-5562-791-6

1. Meditações 2. Fé 3. Deus I. Título II. Série

23-0011

CDD 211

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Meditações



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre  
nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-791-6



## *Introdução*

Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem está dotado da imperiosa capacidade do questionamento, do conhecimento de si e das realidades que o cercam. Sobre essa temática, diversos foram os conceituados filósofos e teólogos que puderam produzir obras singulares. Desejoso de colaborar um pouco mais com essa reflexão, ofereço ao leitor minha primeira obra, que compendia alguns pensamentos escritos num período de quase três anos, acreditando ser essa a melhor forma de lançar um pouco do olhar de esperança tão necessário e carente ao ser humano.

Gostaria, contudo, de fazer uma ressalva no que concerne a alguns elementos constitutivos do livro. Em primeiro lugar, não se trata de uma obra de cunho teológico ou filosófico. É, sim, uma humilde



contribuição na compreensão do pensamento que permeia as relações homem-homem e homem-Deus; portanto, esvaída de quaisquer motivações em traçar rotas sistemáticas e elencar inúmeros problemas causadores dos ruídos pós-modernos.

Segundo, o leitor poderá perceber tratar-se de um conjunto de meditações que abarcam tonalidades poéticas e reflexivas, suscitando interpelações que motivam uma sincera aspiração ao diálogo. Creio que, por esse meio, poderemos entrar mais intimamente no tema em xeque. A precariedade das relações deslanchou contundentes crises expressivas: desde as religiões, passando pela família e alcançando a política.

Tratar da fé é passear em campo amplo, dotado de vasta gama de possibilidades, neutralizando conceitos e suscitando perguntas que pareciam já ter sido respondidas. A inconstância e a não plenitude que marcam o nosso existir nos privam dessa intensa realidade com a verdade total; isso não significa que nos coloquem em imediato acesso com a mentira. Em grande parte, nos transpõem para ideologias e utopias que oscilam entre



radicalismos e seletividades. Precariedade notória na fé e nos laços sociais, perdida na intensidade da momentaneidade.

Como estamos com Deus? Como temos lidado com o projeto da criação? O homem não é de todo autônomo. Quer no campo da espiritualidade, quer na cadeia biológica, depende dos elementos circundantes para sua sobrevivência.

Permissiva é a não satisfação do ser humano com sua posição na criação, pretendendo tomar para si a divindade que não lhe pertence e o mérito que não lhe compete. Reconhecer-se *imagem e semelhança* é identificar diferenças, estabelecer parâmetros que nos façam saber que a imagem de algo não é a coisa em si, mas as características que dela foram feitas, e a sua semelhança é a natureza mental.

Motivo-os a lerem este opúsculo sem voracidade, permitindo-se questionar, refletir e, sobretudo, rezar com cada texto aqui contido.

O autor









## *O toque que intima e intimida*

Desde ontem, tenho sido interrogado por Tomé, e ainda há, para certas coisas, um pouco de Tomé em mim. Ele me pergunta se tenho “tocado” o Cristo. Não o faço pelas mãos, mas pela boca, na Eucaristia, e pelos olhos, na adoração.

Tocar as chagas de Cristo é fazer a experiência da sua morte dolorosa e ressurreição gloriosa. Aquelas chagas vivas, abertas, capazes de nos dar certo temor, são-nos acalentadas pela suavidade das palavras: “A paz esteja convosco!” (Jo 20,21).

Curioso o evangelista dizer sobre os discípulos se alegrarem por quem viram,



não pelo que ouviram. Se tivessem ouvido, mas não vissem, ainda assim estariam desconsolados, porque, certas coisas, não basta ouvir, é necessário ver. Tal acontece com o pregador que profere belíssimas prédicas, não tomando para si o que dissera.

Jesus aparece justamente no dia em que Tomé não estava, e disso Ele sabia! Que jeito belo de ensinar: para falar, primeiramente faz; para intimar, deve intimidar. Veio porque precisava deixar-nos aquela bela promessa: “Bem-aventurados os que creram sem ter visto” (Jo 20,29). Somos felizes porque o que vimos, vimos com olhos da fé; o que tocamos, tocamos com as mãos da fé.

Intimidado fora Tomé para que, sabendo da sua descrença, pudesse professar: “Meu Senhor e meu Deus!”, sendo intimado a conscientizar-se de quem ele era seguidor.

Se Tomé tocou ou não as chagas de Cristo, não me fará desistir do que eu quero: entrar nelas e esconder-me. Nesse confronto de misericórdia, quero afrontar a mim mesmo, sendo vencido pelo coração que, na cruz, foi trespassado, mostrando-se aberto a todos. Ou, como se diz: “Perto estás se dentro estás”.



## *Maria e o caminho para o Ser*

No mistério da Páscoa, toda criatura se faz participante da divindade de Cristo, como Ele no-la quis conceder. Maria ocupa, em relação a Deus e a seu Filho, uma posição singular na história. Totalmente consumida pelo Tudo, não deu reservas de si. Não hesitou diante do chamado de Deus, não se esquivou das intempéries. Abraçou a integralidade que o seu chamado comporta.

Há, contudo, em nós, um dualismo entre o que somos e o que fazemos. Aqui talvez devêssemos retornar um pouco à dimensão filosófica do ser e do ente: ontológica e ôntica, quais sejam, as duas são realidades



que, se não postas em consonância, podem gerar radicalismos. O Ser abarca todo o conjunto dos entes, perpassa toda a realidade existente, muito embora nenhum dos entes possa encarná-lo. Os entes trabalham no ordenamento do Ser, por ele estão entrelaçados. Também Tomás de Aquino, usando esse pensamento nas provas da existência de Deus, dirá que em cada coisa criada está a marca do Criador – não se tratando da presença em si, pois sucumbiríamos no panteísmo vendo Deus em tudo.

Sob o olhar teológico, dá-se não apenas certa confirmação dessa filosofia, mas, até certo ponto, a sua virada epistemológica. Deus contraria esse princípio filosófico e o confirma através da pessoa de Maria. Maria, o ente, é tomada pelo Ser de Deus que se faz ente em Cristo, e por ela se deixa conter em seu ventre. Ao mesmo tempo, deixa nela a sua marca divina como participante da dignidade do Ser. É isso que a Assunção nos retrata: o Ser de Deus consome a tal ponto o ser de Maria que lhe caberiam, com justeza, as palavras de São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

A Mãe torna-se sinal da esperança para os que conformam a sua vontade à de Cristo. Os olhos para os céus são a resposta necessária em meio a tantas quinquilharias que acorrentam o nosso coração. O medo maior, para muitos, não está no desconhecido que sucederá à morte, mas nas imediatas realidades abandonadas. A Virgem ensina: o verdadeiro Bem não aprisiona, liberta; e só com liberdade o coração sabe ler, na história, os sinais da esperança.







## *Não era apenas um homem, era Pedro*

Ao cair da tarde duma sexta-feira chuvosa e fria, em Roma, uma imagem fez marejar olhos e tremer consciências. Lá estava o homem vestido de branco, cruzando a Praça de São Pedro. Naquele percurso decidido, sob a chuva fina, não era apenas o papa Francisco, era Pedro.

Nele, contemplávamos toda a Igreja reunida num só coração, todas as vozes ecoando numa só voz e todos os sentimentos ali expressos num único grande sentimento. Francisco traz à memória, com o seu simbólico gesto, uma Igreja do *Quo Vadis*. "Para onde vais, Pedro?" Para onde vais, cristão? Tu que

